

## Seminário Mulheres, Cidades e Territórios

Lisboa, 30 de setembro de 2016

Sessão encerramento – Margarida Medina Martins em representação de  
Alexandra Sofia Silva

[palavras de cumprimento e agradecimento]

O Seminário Mulheres, Cidades e Territórios que encerra aqui foi, como sabem, uma iniciativa da Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres e da Coordenação Francesa do Lobby Europeu das Mulheres e que visou aprofundar os conhecimentos e as práticas de desenvolvimento urbano que têm em conta as necessidades e vivências das mulheres. Na nossa perspetiva, esta iniciativa foi bem-sucedida.

Tal como referido logo na sessão de abertura, este seminário inseriu-se no âmbito da tour de boas práticas sobre as mulheres e as cidades na Europa que começou em Paris, seguiu para Berlim e chegou a Lisboa. Aconteceu no momento certo! – quando decorrem debates nas Nações Unidas com vista à adoção de uma nova agenda urbana para os próximos vinte anos, a HABITAT III. A perspetiva de género aplicada ao planeamento do território torna-se essencial neste contexto, visto que os modelos de desenvolvimento urbano que integram todas as facetas do desenvolvimento sustentável são essenciais à promoção da igualdade entre mulheres e homens.

As cidades têm sido maioritariamente desenhadas e construídas por homens – arquitetos, urbanistas, topógrafos, engenheiros, construtores e operários civis – assente no pressuposto que todas as pessoas cidadinas são jovens do sexo masculino, capazes de se moverem sem dificuldade, em trajetos unidimensionais – de casa para o trabalho e do trabalho para casa. Aliás, pressupõe-se que todas as pessoas cidadinas se movem apenas para e do trabalho.

Um planeamento que assente nestes pressupostos é um planeamento deficitário, que acarreta, necessariamente, problemas. Desde logo, porque nem todas as pessoas se movem sem dificuldades (como pessoas com deficiência, crianças, pessoas transportando sacos e bagagens, pessoas com carinhos de bebés, etc.) e veem as suas vidas quotidianas nas cidades repletas de obstáculos. Depois, porque se delimitou os espaços, e os usos que destes se faz, a espaços comerciais, financeiros e residenciais, o que se revela insustentável para determinados grupos de pessoas (como as pessoas idosas, desempregadas, etc.).

Como hoje vimos aqui, são várias as dimensões da relação das mulheres e dos homens com as cidades e territórios – os usos que mulheres e homens dão ao tempo diário, distribuído entre trabalho pago e trabalho não pago (trabalho doméstico e prestação de cuidados); os tempos de deslocação casa-trabalho-casa que são também diferentes para homens e mulheres e em que muito frequentemente as mulheres aproveitam para a realização de outras tarefas; a desigualdade na distribuição das tarefas domésticas entre mulheres e homens, a articulação da atividade profissional com a vida

familiar e pessoal, os horários dos serviços públicos e a violência contra as mulheres e segurança, entre outras dimensões, são necessárias a ter em conta num planeamento urbano que responda às necessidades e interesses das mulheres e homens.

A criação de espaços, nas cidades, seguros e inclusivos, que respondam às necessidades das mulheres e dos homens, é um imperativo de reforço da coesão social e do desenvolvimento urbano sustentável. Igualmente importante, é o empoderamento das mulheres e meninas, imperativo básico aos direitos humanos. No entanto, as desigualdades entre mulheres e homens permanecem profundamente enraizadas em todas as cidades, comunidades, sociedades e países. É, pois, necessário entender a sustentabilidade e a eficácia dos processos de planeamento e de desenvolvimento urbano numa perspetiva de género, e garantir que as mulheres podem igualmente contribuir e beneficiar do desenvolvimento urbano.

O muito referido mainstreaming de género – ou a integração sistemática da dimensão da igualdade entre mulheres e homens – é, no planeamento e desenvolvimento urbano, uma estratégia muito eficaz. As boas práticas que neste seminário foram partilhadas são disso um reflexo, a par do empoderamento das mulheres, raparigas e meninas (comumente designado como ações positivas).

Esta é uma estratégia que implica:

- Pensar na forma como o mercado de trabalho funciona e qual o impacto deste no emprego de mulheres e de homens;

- Ter em conta as estruturas familiares, os papéis familiares e o trabalho doméstico e o impacto do trabalho não pago na vida a curtos e longo prazo nas mulheres e nos homens;
- Analisar as dinâmicas dos papéis de género nas instituições públicas e privadas por forma a elaborar recomendações que visem políticas e práticas inclusivas da perspetiva da igualdade entre mulheres e homens, em todos os setores de atividade;
- Reformular todos os sistemas ao invés de se empreender por atividades de pequena escala e de reduzido impacto – no fundo, visar as causas estruturais das desigualdades e construir soluções para uma efetiva transformação social;
- Desenvolver parcerias entre mulheres e homens (através, por exemplo, de organizações representativas) por forma a assegurar que tanto mulheres como homens participam em pleno no desenvolvimento social e beneficiam de forma igual dos recursos que estas dispõem;
- Garantir que todas as iniciativas tomem em conta as diferenças entre mulheres e homens e que contribuem de forma significativa para a redução das desigualdades, das discriminações e das violências contra as mulheres;
- Fazer as perguntas certas permitindo conhecer para onde se devem destinar os recursos que são sempre escassos;

- Desenvolver iniciativas específicas apenas para mulheres, permitindo-lhes ganhar confiança na construção de diagnósticos e no desenho de planeamento urbano;
- E reconhecer, formal e informalmente, o papel que as mulheres, raparigas e meninas têm em todas as cidades e comunidades, empoderando-as na construção de cidades e comunidades inclusivas.

Este foi um dia intenso que nos deixa uma agenda repleta e a responsabilidade de, em conjunto, fazermos melhor e mais pela inclusão das necessidades e dos interesses das mulheres no planeamento e desenvolvimento urbano, na senda da edificação de cidades e comunidades assentes na igualdade entre mulheres e homens.

Obrigada.